

R E S E N H A

José Maurício de Carvalho. **O Homem e a Filosofia**. Pequenas meditações sobre Existência e Cultura. 2ª edição. Porto Alegre, PUCRS, 2007, 236 p.

José Maurício de Carvalho vem de entregar ao público a segunda edição de **O Homem e a Filosofia** (1ª edição, 1998). Nessa obra procura dar continuidade à meditação iniciada por Tobias Barreto (1839/1889) e, contemporaneamente, desenvolvida basicamente por Miguel Reale (1910/2006). Para Tobias Barreto tratava-se de encontrar um caminho que pudesse libertar-nos da camisa de força que nos sugeria o positivismo, ao postular que a pessoa humana era determinada e determinável. Sabemos que essa autêntica enfermidade, infelizmente, contagiou muita gente no período republicano de nossa história, o que explica nos encontrarmos, ainda hoje, diante de verdadeira esterilização das consciências em várias esferas do saber.

A proposta superadora do positivismo, da lavra de Tobias Barreto, consistia em demonstrar que a ação humana se explicava por causas finais, sendo impossível compreendê-la se nos ativéssemos aos marcos da causalidade eficiente (ou seja, os antecedentes identificáveis e mensuráveis). Miguel Reale teria o mérito de indicar precisamente o problema filosófico a ser elucidado: em que consistia o **ser do homem**. Aceitando a proposição de Tobias Barreto de que a moral estruturava o horizonte último da ação, diria Miguel Reale que **o ser do homem é o seu dever ser**. Não se trata de um “dever ser” simplesmente dado mas algo que envolve uma construção social onde a correlação essencial seria entre **experiência** e **cultura**, título de sua obra filosófica fundamental e que corresponde a autêntico marco da contemporânea filosofia ocidental. Qual é a proposta de José Maurício de Carvalho no sentido de levarmos mais longe essa investigação? Dizendo-o de forma muito geral: tratar-se-ia de aproximar **existência** e **cultura**. Ao longo de sua vida, o homem encontra razões para viver e, como diz, objetiva valores, isto é, vivencia como propiciar a valoração advinda de sua circunstância existencial. Contudo, “de muitos modos e meios a consciência da finitude e da facticidade emergem na consciência. A morte de alguém próximo, o sofrimento brutal a que estamos expostos, a falta de reconhecimento por parte de quem se ama ou se respeita. Tudo isto introduz no mundo do existente a dimensão da tragédia. É verdade que nem tudo desarticula o mundo do sujeito, fragmentando-o e fazendo-o sentir-se perdido. No entanto, quando de algum modo isto ocorre, nada do que foi objetivado pode verdadeiramente ajudar.também não se pode, com base nisto, supor que o

homem vá abandonar a tarefa de construir o mundo e objetivar valores. A consciência do aspecto trágico da Existência conforta. Por meio dela o homem reencontra o sentido de sua vida” (p. 27).

Para José Maurício de Carvalho, “a constatação de que a vida é singular, que a vivemos uma única vez, não significa que estejamos predestinados a submergir nas circunstâncias e nos afogar num mar de angústias. Existência é realidade que permite escolhas, que possibilita projetar para o futuro e, também, ajuda a mudar o entorno” (p. 40).

O problema, pois, reside nas escolhas. Trata-se da mesma questão com que esbarrou Kant. Resolveu-o numa perspectiva protestante, em que a pessoa não mais conta com quem lhe abra a porta do Céu, devendo lidar com isto direta e solitariamente. Assim, a pessoa em causa precisaria dispor de alguém com quem se comparar, a que chamou de “sábio estóico”. Para traçar o seu perfil, num contexto cristão de cultura, reordenou os Dez Mandamentos para dele retirar um ideal de pessoa humana. Definiu-o como sendo um fim em si mesmo, que não poderia ser usado como meio. O **imperativo categórico** completa o ciclo em que o problema da escolha é enfrentado, no plano filosófico. Na escolha da lei moral é que residiria a liberdade humana, porquanto se trataria de resistir às inclinações.

Veja-se a solução que nos propõe José Maurício de Carvalho: “A ênfase na Existência trouxe para primeiro plano a preocupação com a morte pois ela integra o processo que chamamos de vida” (p. 132). No seio da corrente existencialista não se chegou a um acordo quanto à aceitação do que denomina de razão religiosa capaz de justificar a morte. Nas suas considerações acerca desse último tema, encontro esta afirmativa que, parece-me, poderia ser tomada como a solução ensejada pelo autor: “Entendendo-se como um ser para a morte, o homem tem que ter com sua vida um cuidado muito maior. Em cada momento de seu existir ele deve se de indagar a respeito do que faria se aquela fosse sua última ação. Assumir a autenticidade da Existência consiste em reconhecer que cada ação é em certo sentido a derradeira. A cada instante a vida humana torna-se verdadeiramente mais curta” (p. 133).

Seria, pois, uma nova modalidade da pessoa humana dar-se conta da responsabilidade pessoal, ou seja, do que Max Weber chamou de “ética de responsabilidade”, em contraposição à “ética de convicção”. Como se vê, as meditações de José Maurício de Carvalho sobre a Existência são efetivamente instigantes.

*Antonio Paim
Instituto Brasileiro de Filosofia*